

NIETZSCHE, BOURGET, BAUDELAIRE E OS RUMOS DO NIILISMO MODERNO¹

Clademir Luís Araldi²

Resumo: Investigaremos a relação entre a *décadence* e o niilismo nos escritos tardios de Nietzsche, destacando o impacto das análises de Paul Bourget sobre a *décadence* literária do século XIX. A partir dessas análises, Baudelaire se torna para Nietzsche um caso típico de *décadence*, que expressa o “apetite furioso do nada”, enquanto uma forma de desagregação da vontade e das forças. Nesse sentido, Baudelaire torna-se um caso decisivo para diagnosticar a doença da vontade no homem do século XIX. Enquanto que a *décadence* se manifestaria em todas as épocas da humanidade, o niilismo valeria para Nietzsche como a tentativa de Nietzsche de abarcar e interpretar os processos de desvalorização dos valores no mundo moderno. Num segundo momento, defendemos que Nietzsche vai além de Bourget, ao compreender o niilismo como um modo singular de desagregação de forças, que possui um transcurso histórico único. Investigaremos, enfim, o valor da arte, das ilusões e das formas de embriaguez artísticas, como um ensaio derradeiro de Nietzsche para superar o “irreparável” niilismo dos artistas modernos.

Palavras-chave: Niilismo. *Décadence*. Arte. Vontade. Valores.

NIETZSCHE, BOURGET, BAUDELAIRE AND THE DIRECTIONS OF MODERN NIHILISM

Abstract: We will investigate the relationship between *décadence* and nihilism in Nietzsche’s late writings, highlighting the impact of Paul Bourget’s analyses of nineteenth-century literary *décadence*. From these analyses, Baudelaire becomes for Nietzsche a typical case of *décadence*, which expresses the “furious appetite for nothingness”, as a form of disintegration of will and forces. In this sense, Baudelaire becomes a decisive case for diagnosing the disease of the will in nineteenth-century human being. While *décadence* would manifest itself in all epochs of humanity, nihilism would be Nietzsche’s attempt to encompass and interpret the processes of devaluation of values in the modern world. In a second moment, we argue that Nietzsche goes beyond Bourget by understanding nihilism as a singular mode of disintegration of forces, which has a unique historical course. Finally, we will investigate the value of art, illusions and forms of artistic intoxication, as Nietzsche’s ultimate essay to overcome the “irreparable” nihilism of modern artists.

Keywords: Nihilism. *Décadence*. Art. Will. Values.

Ao compreender o niilismo como forte e intimamente ligado à *décadence*, Nietzsche dá um novo impulso para suas críticas radicais aos valores morais, religiosos e estéticos modernos, assim como aos tipos de homens que afirmam esses valores. Nesse sentido, Baudelaire torna-se um caso decisivo para diagnosticar a doença da vontade no homem do século XIX. Enquanto que a *décadence* se manifestaria em todas as épocas da humanidade, o niilismo valeria para Nietzsche como a tentativa de Nietzsche de abarcar e interpretar os processos de desvalorização dos valores no mundo moderno.

¹ Este artigo foi possível graças ao apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)

² Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2002). É Professor Titular da Universidade Federal de Pelotas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8255-2946>. E-mail: clademir.araldi@gmail.com.

Por que a época de Baudelaire é um século de *décadence*? Nietzsche concorda com Bourget no sentido de que Baudelaire é um homem da *décadence*. Mas não sustenta a tese de que Baudelaire seria um teórico da *décadence*. Isso porque somente Nietzsche teria compreendido o niilismo como um modo próprio de dissolução das forças. O pessimista parisiense, com seu “apetite furioso do nada”, sucumbiria à *décadence* do século XIX, do mesmo modo que R. Wagner. Nietzsche³, por sua vez, analisa o niilismo europeu como um transcurso histórico único. Somente através dele poder-se-ia superar as manifestações decadentistas tão concentradas na França, como nas expressões do *l’art pour l’art*. Entretanto, questionaremos as pretensões nietzschianas de superar a decadência a partir de Baudelaire, que tem um olhar aguçado para esse fenômeno e suas configurações artísticas.

I. O niilismo enquanto *spleen*, náusea e apetite destrutivo em Baudelaire

A obra de Paul Bourget *Ensaio de psicologia contemporânea* (1ª edição em 1883 e 2ª edição em 1885) influenciou decisivamente na compreensão nietzschiana de niilismo⁴. Nesta obra, o autor diagnostica nos “literatos da decadência” (Baudelaire, Renan, Flaubert, entre outros) o *spleen* corrosivo que, pouco a pouco, tomava conta do homem do século XIX, desembocando na “crença lenta na desagregação da natureza” (BOURGET, 1993, p. 10). No ensaio sobre Baudelaire, ele constata o desacordo entre o homem e o seu entorno. Baudelaire teria sido um dos primeiros a diagnosticar o espírito crescente de negação da vida em seus contemporâneos, fornecendo um sentido trágico ao *taedium vitae*:

Ele bem sabia que uma criatura muito civilizada não tem direito de exigir que as coisas sejam segundo seu coração, encontro que é tão mais raro quanto mais curiosamente refinado o coração, e se ele não tentou lutar para se curar, é porque ele viu na sua miséria uma lei das coisas, irresistível e universal, e diante desta evidência ele naufragou naquilo que os antigos já chamavam de *taedium vitae*. Certamente, esse *taedium vitae*, esse tédio [*ennui*], para conferir-lhe seu nome moderno, mas o tomando no seu sentido trágico, sempre

³ Serão utilizadas as seguintes abreviaturas para citar as obras de Nietzsche: NT (*O nascimento da tragédia*), BM (*Além do bem e do mal*), A (*Aurora*), GC (*A gaia ciência*), ZA (*Assim falou Zaratustra*), CW (*O caso Wagner*), CI (*Crepúsculo dos Ídolos*), e FP, para os fragmentos póstumos por nós traduzidos, conforme a convenção adotada pelos editores G. Colli e M. Montinari, na *Kritische Studienausgabe* (KSA), que é seguida por Paolo D'Iorio, na edição eletrônica e-KGWB: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>

⁴ Nietzsche descobriu a obra de P. Bourget no inverno de 1883-84. Cf. FP 1884, 25[178], os primeiros vestígios da leitura de Bourget. A primeira menção aos niilistas, contudo, ocorreu já no ano de 1880. Para Charles Andler, foram as leituras de P. Bourget que propiciaram o emprego da palavra *niilismo* em Nietzsche (cf. ANDLER, 1931, p. 266). Sem dúvida, essas leituras deram forte impulso às investigações de Nietzsche sobre o niilismo moderno, mas não deram a motivação inicial.

foi o verme secreto das existências satisfeitas.⁵

A partir da perspectiva do analista da *décadence*, Bourget analisa as manifestações desses sintomas de melancolia e de desacordo: “a náusea universal diante da insuficiência do mundo” manifesta-se entre os eslavos como niilismo, entre os germanos como pessimismo e entre os latinos através de neuroses solitárias e bizarras. Como exemplos desse espírito de negação da vida, Bourget (1993, p. 9-10) menciona: a fúria assassina dos conspiradores de São Petersburgo, os livros de Schopenhauer, os incêndios furiosos da Comuna e a misantropia dos romances naturalistas.

Para Bourget, Baudelaire é um espírito de exceção que expressa “o apetite furioso do Nada” (*l'appétit furieux du Néant*) através de imagens e de sensações raras. Baudelaire seria, então, decadente assumido, ao mesmo tempo lúcido em suas análises e embriagado pelo nada; seus versos e análises expressam a “definitiva maldição lançada à existência pelo vencido que sucumbe no irreparável niilismo” (BOURGET, 1993, p. 11).

O que mais chamou a atenção de Nietzsche em Bourget foi a elaboração da “teoria da *décadence*”, mais particularmente a análise da decadência literária. O autor de *Ensaio de Psicologia Contemporânea* compreende Baudelaire como teórico da decadência; através de seu espírito de análise, ele traria à luz o sentido dessa marcha decadente, que, emergindo lentamente, radicaliza-se no séc. XIX enquanto “crença” na bancarrota da natureza e enquanto negação de *todos* os esforços humanos de *todos* os tempos. Bourget, no entanto, retoma essa teorização de Baudelaire num outro plano. Num primeiro momento, ele compara a sociedade a um organismo, que seria entendido como uma federação de organismos menores – as células, os indivíduos sociais – cujo bom funcionamento depende da relação de subordinação entre si. A decadência do conjunto do organismo (sociedade) ocorre, quando as células (indivíduos) se tornam independentes; não havendo mais subordinação de um organismo a outro, a consequência é a “anarquia do conjunto” (BOURGET, 1993, p. 14). Num segundo momento, Bourget aplica a “lei” que preside o desenvolvimento e a decadência do organismo social ao organismo da linguagem:

Um estilo da decadência é aquele onde a unidade do livro se decompõe para dar lugar à independência da página, onde a página se decompõe para dar lugar

⁵ “Il savait trop qu’une créature très civilisée a tort de demander aux choses d’être selon son Coeur, rencontre d’autant plus rare que le Coeur est lus curieusement raffiné, et s’il n’a pas essayé de lutter pour se guérir, c’est qu’il a vu dans sa misère une li des choses, irrésistible et universelle, et devant cette évidence il a sombré dans ce que les anciens appelaient déjà de *taedium vitae*. / Certes, ce *taedium vitae*, cet ennui, pour lui donner son nom moderne, mais le prenant dans son sens tragique, a toujours été le ver secret des existences comblées” (BOURGET, 1993, p. 9. Tradução de Isadora Petry).

à independência da frase, e a frase, para dar lugar à independência da palavra (BOURGET, 1993, p. 14)⁶.

Há uma afinidade nas formas como Nietzsche e Bourget diagnosticam a doença da vontade humana que se intensificava no séc. XIX, sobretudo através das expressões da náusea e do vazio de sentido da existência humana, num mundo experimentado como hostil³. O complexo de temas: declínio (*Verfall*), decadência (*décadence*, *Untergang*, *Niedergang*), esgotamento (*Erschöpfung*), desagregação dos instintos (*Disgregation der Instinkte*), degeneração (*Entartung*) ampliam o campo de significação do niilismo na modernidade, deslocando o diagnóstico de Bourget para o campo dos valores, da fisiologia e da arte da segunda metade do século XIX.

O deslocamento mais significativo ocorre já em 1885, quando Nietzsche aproxima Baudelaire de R. Wagner⁷. Essa aproximação marca bem o rumo da investigação nietzschiana sobre a *décadence*: “Baudelaire, já totalmente alemão, com exceção de um certo adoecimento hipererótico, que cheira a Paris...” (FP 1885, 34[21]). Essa insistência em reduzir Baudelaire a “intérprete de Wagner”⁴ tem como pano de fundo a interpretação de que toda a arte moderna é niilista. Baudelaire e Wagner não seriam somente psicólogos da *décadence*, mas seriam fundamentalmente artistas da *décadence*, que teriam sucumbido à doença niilista moderna da vontade, e transformado, enfim, a beleza em algo “voluptuoso e triste” (FP 1888, 11[183]).

Quem foi Baudelaire nessa visão *sui generis* nietzschiana? “Baudelaire é libertino, místico, ‘satânico’, mas, acima de tudo, wagneriano”, como consta na carta a Köselitz, de 26 de fevereiro de 1888, que sintetiza esse conjunto de investigações dispersas no tempo, mas coesas no propósito. É muito limitado o alcance desta interpretação de que Baudelaire é sobretudo wagneriano! Isso porque não consegue apreender os traços mais marcantes da sensibilidade, da arte, do pessimismo e do espírito de análise de Baudelaire. Bourget, contudo, analisa detidamente esses traços em Baudelaire:

Ele [Baudelaire] proclamou-se decadente e ele pesquisou, sabe-se com que posição de bravata, tudo aquilo que na vida e na arte parecia mórbido e artificial às naturezas mais simples. Suas sensações preferidas são aquelas que

⁶ Em *O caso Wagner*, Nietzsche elabora esta ideia de um modo similar ao de Bourget: “Como se caracteriza toda decadência literária? Pelo fato de a vida não mais habitar o todo. A palavra se torna soberana e pula fora da frase, a frase transborda e obscurece o sentido da página, a página ganha vida em detrimento do todo” (CW 7). A respeito da relação entre Nietzsche e Bourget, confira MÜLLER-LAUTER, 1999, p. 12-13.

⁷ Cf. FP 1885, 34[45] e 34[166]. Neste último, Baudelaire é considerado “uma espécie de Richard Wagner sem música].

os perfumes proporcionam, pois elas transtornam mais do que as outras esse eu não sei o quê de sensualmente obscuro e triste que nós carregamos em nós. Sua estação preferida é o fim do outono, quando um charme de melancolia enfeitiça o céu que se turva e o coração que se crispa.⁸

Segundo Bourget, esse “homem superior” que foi Baudelaire, era atraído de modo invencível a “mistificações laboriosas”; seu grande poder de concentração tinha algo de “inquietante e de enigmático”, digno de admiração, a tal ponto que ele se tornaria “um dos educadores preferidos da geração vindoura” (BOURGET, 1993, p. 18). Essa grandeza das criações inquietantes expressou-se em *Les fleurs du mal*, particularmente em “Spleen et Idéal”:

LXXVI. – *Spleen*

Tanta lembrança eu não teria com mil anos.
Com gavetas repletas de balanços, planos,
Bilhetes de amor, versos, processos, canções,
Uns cabelos guardados numas quitações,
Um armário não terá rol de segredos tão
Grande quanto meu cérebro — imenso porão,
Pirâmide, que guarda mais mortos que a fossa
Comum. — Sou cemitério onde sequeur se esboça
Luar, onde, tal remorso, a vermina se arrasta,
E sempre em meus mais caros mortos se repasta.
Sou um velho budoar só com rosas fanadas,
Onde jaz profusão de roupas desusadas,
E uns dolentes pastéis e os Boucher de ar lavado,
Sós, respiram o odor de um frasco destampado.⁹

18

As lembranças se juntam no enorme porão que, como uma pirâmide, guarda os túmulos da vida vencida. A natureza enlutada do poeta expressa com intensidade os lamentos da finitude; ela é uma espécie de cemitério, em que as lembranças do amor e do coração ardente resistem a se transformar em pó. Com essas “imagens e sensações raras” Baudelaire invoca a Morte, em seu anseio incontido pelo “novo”. Enquanto Nietzsche se volta ao futuro, com a tarefa “nova” de criar novos valores desde a plenitude vital,

⁸ “Il [Baudelaire] se proclama decadente et il recherche, on sait avec quel parti pris de bravade, tout ce qui, dans l’avie e dans l’art, paraît morbide et artificiel aux natures plus simples. Ses sensations préférées sont celles que procurent les parfums, parce qu’elles remuent plus que les autres ce je ne sais pas quoi de sensuellement obscur et triste que nous portons en nous. Sa saison Aimée est la fin de l’automne quando un charme de mélancholie ensorcelle le ciel qui se brouille et le coeur qui se crispe”. (BOURGET, 1993, p. 17. Trad. Isadora Petry)

⁹ “J’ai plus de souvenirs que si j’avais mille ans. / Un gros meuble à tiroirs encombré de bilans, / De vers, de billets doux, de procès, de romances, / Avec de lourds cheveux roulés dans des quittances, / Cache moins de secrets que mon triste cerveau, / Qui contient plus de morts que la fosse commune. / - Je suis un cimetière abhorré de la lune, / Où comme des remords se traînent de longs vers / Qui s’acharnent toujours sur mès morts les plus chers, / Je suis un vieux budoir plein de roses fanées, / Où gît tout un fouillis de modes surannées, / Où les pastels plaintifs et les pales Boucher, / Seuls, respirent l’odeur d’un flacon débouché”. (BAUDELAIRE, 1994, p. 69 s., trad. Júlio C. Guimarães)

Baudelaire se revolta contra a ordem destrutiva do tempo. Com coração irradiante, ele parte numa viagem inusitada em busca do *novo*, que é propriamente um mergulho no abismo:

CXXVI – A viagem

VIII

Ó Morte, é hora, velho capitão! de alçar
Âncora! Aparelhemos! Aqui é entediante!
Se como tinta negra são o céu e o mar,
Nossos corações — tu sabes — são irradiantes!

Dá-nos teu veneno — é o que nos reconforta!
Queremos, tanto o fogo vem-nos tal renovo,
Mergulhar no abismo, Inferno ou Céu — que importa? —,
E no Desconhecido para achar o *novo*!¹⁰

Baudelaire não é só analista da *décadence*, mas cria no interior da modernidade dilacerada por pulsões antagônicas e por anseios de novas formas artísticas de vida. Assim, ele é artista da *décadence*, de modo que Bourget não vê somente esgotamento e *décadence* fisiológica nas criações do poeta das *Flores do mal*. Enquanto que Nietzsche quer se destacar de todas as expressões decadentistas do século XIX, para preparar um terreno fértil a suas próprias criações futuras.

Os traços “demoníacos” e “libertinos” do caráter de Baudelaire não são tão valorizados por Nietzsche quanto por Bourget. Para o primeiro, as condições de exaustão fisiológicas dos artistas modernos, que expressadas poeticamente como *mal du siècle*, mostram que a doença da vontade pode exaurir as potências criativas no homem moderno¹¹. Assim, como mostrou Giuliano Campioni, as leituras intensivas que Nietzsche realizou entre o inverno e a primavera de 1883-84 dos *Essais* de Bourget e de literatos, poetas e historiadores franceses como Flaubert, Renan, Taine, Baudelaire e Sainte-Beuve foram articuladas de modo sistemático nas “categorias de sua interpretação fisiológica de Wagner e da arte da *décadence*.”¹² Tendo em vista que Paris era vista por Nietzsche como um dos epicentros da *décadence*, é esclarecedor o vínculo da *décadence* literária parisiense com o niilismo moderno. E aqui temos de observar também a

¹⁰ “Ô Mort, vieux capitaine, il est temps! levons l’ancre! / Ce pays nous ennuie, ô Mort! Appareillons! / Si le ciel et la mer sont noirs comme de l’encre, / Nos coeurs que tu connais sont remplis de rayons! / Verse-nous ton poison pour qu’il nous réconforte! / Nous voulons, tant ce feu nous brûle le cerveau, / Plonger au fond du gouffre, Enfer ou Ciel, qu’importe? / Au fond de l’Inconnu pour trouver du nouveau!” CXXVI – Le voyage, VIII.(BAUDELAIRE, 1994, p. 126, trad. Júlio C. Guimarães)

¹¹ Acerca do vínculo das condições fisiológicas com a decadência dos artistas modernos, confira PIAZZESI, 2003, p. 6-14.

¹² Cf. CAMPIONI, 2009, p. 305. Campioni mostra de modo mais detalhado como Nietzsche assume interpretações de Bourget acerca de Taine, Flaubert e Desprez.

influência da leitura que Nietzsche fez de Turgueniev, por influência também dos *Essais de psychologie contemporaine*, de Bourget.

A Rússia foi no século XIX outro epicentro da doença moderna da vontade, segundo Nietzsche. Os anarquistas russos empregaram o termo “niilismo” na perspectiva de oposição ao regime czarista, pressupondo uma atitude decididamente ateuista e individualista bem diferente dos artistas parisienses da *décadence*. Autodenominados “niilistas”, os anarquistas não reconheciam nenhuma autoridade religiosa, política ou moral, exceto a ciência natural, vista como instrumento para a absoluta independência humana. Este termo adquiriu popularidade e aceitação crescentes no domínio da cultura e pensamento europeus, principalmente na França, Rússia e Alemanha, após a publicação do romance de Turgueniev *Pais e filhos*. Para Nietzsche, entretanto, esse romance de Turgueniev possui uma importância inicial, mas restrita, enquanto descrição e apresentação de um fenômeno de conotação decisiva no transcurso da vida do homem do séc. XIX. Em Bourget, no entanto, Nietzsche encontrou um estudioso da decadência e do niilismo, cujas análises e reflexões convergiam, em certa medida, com as suas próprias, de modo a possibilitar um entendimento mais profundo e um maior distanciamento crítico desse fenômeno inquietante.

II. A modernidade, a *décadence* e o niilismo segundo Nietzsche

A França do neoclassicismo, a *Provence*, com seu espírito jovial, as comunidades aristocráticas de Roma e de Veneza são vistas por Nietzsche como expressão de uma vontade afirmativa, de responsabilidade inerente aos instintos dos homens fortes. No que tange ao Império Romano, Bourget diagnosticou as causas da ruína na independência dos indivíduos em relação à sociedade. A sociedade romana teria passado a gerar poucas crianças e, com isso, menos soldados; além disso, “o ceticismo delicado”, o “enervamento das sensações”, entre outros fatores, arruinou o mecanismo social e, por fim, o “corpo inteiro” do império romano. (BOURGET, 1993, p. 15). Um processo similar ocorreria com os literatos da *décadence*, na Paris da segunda metade do século XIX. Apesar de vincular de outros modos o indivíduo aos poderes coletivos (Nietzsche valoriza a força e a independência dos espíritos livres em relação ao Estado), Nietzsche aplica o diagnóstico de Bourget da perda da coesão do todo social para a totalidade do mundo moderno. A modernidade, nessa perspectiva, é a “era da *décadence*”,

da “primazia do princípio desorganizador”¹³, “uma época de fraqueza” (*CI. Incursões de um extemporâneo*, 38), em que há o decréscimo da força organizadora, da vontade de ser si próprio. Assim sendo, a arte, as instituições sociais e a própria democracia moderna são formas de decadência da força organizadora. O “espírito moderno” do Ocidente já não consegue mais construir instituições duradouras: a sociedade arruína-se com suas instituições (como p. ex. o matrimônio) (*CI. Incursões de um extemporâneo*, 39). O “moderno” é, então, autocontradição e autodestruição dos instintos (*CI. Incursões de um extemporâneo*, 41). Não há, segundo o filósofo solitário, a possibilidade de retroceder a uma época mais forte. O único “progresso” possível é o de avançar passo a passo na *décadence*, no confronto com seus tipos mais proeminentes: “Pode-se pôr obstáculos a este desenvolvimento e, através de obstáculos, estagnar a própria degeneração, concentrá-la, torná-la mais veemente e *repentina*. Mais não se pode fazer” (*CI. Incursões de um extemporâneo*, 43).

Ao colocarmos a questão acerca do que diferencia niilismo e decadência, devemos primeiramente analisar os diferentes modos com que Nietzsche analisa o conceito de decadência. Os três termos utilizados pelo filósofo: *Untergang*, *Niedergang* e *décadence*, apesar da aparente relação de sinonímia, expressam um desenvolvimento e ampliação do campo semântico deste conceito.

Nos primeiros escritos do filósofo ocorre, na maioria dos casos, o emprego do termo *Untergang*, que possui o sentido de declínio trágico, seja de uma cultura, de uma manifestação artística, de um mito ou de um povo. É nesse sentido que Nietzsche expressa em *O nascimento da tragédia* a decadência (*Untergang*) da época dos heróis (*NT 3*), da tragédia grega (*NT 23*) ou a decadência de Dioniso (*FP 1886, 7[140]*). Também a decadência de Roma ou a crença cristã de uma decadência iminente do mundo possuem esse acento trágico de momento derradeiro de uma cultura ou de uma época (*A 71*). Já em *Assim falava Zarathustra* (*ZA, Prólogo*), o próprio personagem Zarathustra experimenta a sua decadência (*Untergang*), entendida aqui como ocaso ou declínio estreitamente ligado a uma nova ascensão.

O novo sentido dado para o termo decadência em *Assim falava Zarathustra* denota a mudança que esse termo sofre com as novas preocupações teóricas e práticas de Nietzsche. A decadência não é mais vista apenas como o momento derradeiro de ruína ou

¹³ Também em *O caso Wagner*, Nietzsche compreende a modernidade enquanto desagregação e contradição dos instintos. A modernidade, época de vida declinante e de contradição instintiva teria em Wagner um caso exemplar (cf. *CW, Epílogo*).

de esgotamento de um povo, de um mito ou de uma pulsão artística, mas como um processo necessário e inerente ao mundo, entendido como uma luta de forças em perene tensão. A decadência da moral que começaria com Sócrates, é descrita como um processo lento e gradual (FP 1883 7[44]). As várias manifestações da decadência (*Niedergang*): decadência de um povo ou cultura (FP 1883, 9[157]), do teísmo europeu (*BM* 53), da crença no deus cristão (*GC* 357) ou de todos os valores supremos (FP 13[3] - 1888) são vistas como processos necessários dotados de lógica intrínseca, em que, por fim, triunfam a ciência e o ateísmo (FP 1888, 14[225]). Entretanto, a decadência (*Niedergang*), entendida como desagregação das forças estruturadoras de uma cultura ou como dissolução dos instintos de um indivíduo, está relacionada com a ascendência (*Aufgang*): a decadência de um povo ou cultura está ligada à ascensão de outro povo ou cultura mais fortes, com maior poder de organização e domínio (FP 1887, 9[157]).

O emprego do conceito de *décadence* em 1888 é decisivo para o amadurecimento e aprofundamento dessa relação. Dos estudos acerca da teoria da decadência de P. Bourget, Nietzsche passa a dispor de novos recursos para diagnosticar as doenças típicas do homem do século XIX: o pessimismo, a degeneração, a anarquia dos instintos, o alcoolismo ..., assim como os transcurtos doentios típicos de outras épocas (no platonismo, no cristianismo). Bourget focalizou a decadência na literatura, que teria como causa a desproporção entre as aspirações do indivíduo e a condição hostil do mundo. Nietzsche, sem dúvida, utiliza os recursos teóricos de Bourget para criticar o estilo da *décadence* em Platão e Wagner¹⁴. Entretanto, ele amplia e radicaliza a análise de Bourget, restrita ao diagnóstico das manifestações doentias do homem do séc. XIX, para construir um pensamento mais abarcante e unívoco da decadência. Assim sendo, para Nietzsche a decadência é um processo necessário, constitutivo do mundo; é também periódica, de retorno inevitável: “processos vitais ascendentes e descendentes: a decadência (*décadence*) pertence a todas as épocas da humanidade” (FP 1888, 11[226]). A decadência também pode significar a corrupção a-histórica da vida. Ela atinge indivíduos de culturas tardias, que, na ausência de um impulso dominante externo ou interno, acabam degradando-se fisiologicamente.

Com o intento de compreender e abarcar as manifestações periódicas e necessárias da decadência, o filósofo alemão elabora o pensamento do niilismo. Enquanto “lógica da decadência”, o niilismo é compreendido como um modo próprio, específico

¹⁴ Acerca disso, cf. *CI*. O que devo aos antigos e *CW* 5, 11.

de dissolução das forças e dos instintos vitais. O niilismo europeu constituiria, desse modo, um transcurso histórico único; somente através e além dele poder-se-ia superar as manifestações mais fortes e derradeiras da decadência, possibilitando a transição, conscientemente assumida, para uma nova ascendência.

Tanto a decadência quanto o niilismo são vistos como processos de declínio. Ao passo que a decadência é a-histórica e inevitável nos movimentos da vida, o niilismo tira as consequências decisivas desse processo de declínio. O processo niilista de declínio (expressão da desagregação de forças e impulsos) traz à luz um novo impulso dominante: a vontade de nada (*der Wille ins Nichts*). O niilismo como vontade de nada é um sintoma tipicamente humano no interior de um movimento de *décadence* mais abrangente. Em sentido mais amplo, Baudelaire e Wagner são tipos decadentes; eles são tipos niilistas num sentido mais específico: enquanto expressão de uma vontade de autodestruição que ocorre no século da *décadence* (o século XIX), por meio do ressentimento, do exotismo e de formas de voluptuosidade e de embriaguez autodestruidoras. Também Baudelaire não teria energias corpóreas e espirituais suficientes para se contrapor ao *mal du siècle*, recaindo, juntamente com Wagner, no Romantismo tardio da desilusão e da resignação.

III. A embriaguez e o valor da arte afirmativa.

Com essa visão decadentista da modernidade, Nietzsche pode articular a crítica da arte decadente de Baudelaire com a crítica aos sintomas da decadência na moral cristã da compaixão e na arte dramática de Wagner:

*O artista da *décadence* – eis a palavra. E aqui começa a minha seriedade. Estou longe de olhar passivamente, enquanto esse *décadent* nos estraga a saúde – e a música, além disso! Wagner é realmente um ser humano? Não seria antes uma doença? Ele torna doente aquilo em que toca – *ele tornou a música doente* –.* (CW § 5)

Nesse sentido, as verdadeiras causas dos valores morais e estéticos são fisiológicas. Ao apontar para a corrupção fisiológica de Wagner, Nietzsche poderia abarcar o declínio do artista e de sua arte:

... o músico agora se faz ator, sua arte se transforma cada vez mais num talento para *mentir*. Terei oportunidade (num capítulo da minha obra principal que levará o nome de *Fisiologia da arte*) de mostrar mais detalhadamente como essa metamorfose geral da arte em histrionismo é uma expressão de degenerescência fisiológica [...] tanto quanto cada corrupção e fraqueza da arte inaugurada por Wagner. (CW § 7)

Em 1888, Nietzsche reforça a posição de 1887, da terceira dissertação da *Genealogia da moral*: a arte possui mais valor que a verdade. Não é a arte moderna que termina no niilismo, do esgotamento de sentido e de valor. Mas seria uma nova configuração da arte zombeteira de Zaratustra, o ímpio. Nietzsche retoma a leveza e o riso da arte de Zaratustra nos escritos de 1888, mas precisa submetê-la ao crivo da vontade de poder, para mostrar as condições fisiológicas propícias (afirmativas da vida) de Zaratustra e de seu criador, o doente Nietzsche com suas pretensões de ser “sadio no fundamento”.

Diante da ameaça da proliferação da *décadence*, Nietzsche propôs a criação de novos valores naturalistas. Minha hipótese é que não se tratam de valores morais ou éticos, pois eles possuem um caráter estético e pressuposições fisiológicas. Naturalizar a estética significa assumir que os valores são criações humanas, que brotam de uma vontade de aparência, de engano, de ilusão, mas, apesar disso podem conduzir a formas mais ‘elevadas’ de vida. [Mais elevadas se assumirmos o problemático critério da vontade de poder da vida ascendente].

Assim, o naturalista ético-estético busca as causas corporais e fisiológicas que permitem o aumento do poder e do sentimento de poder. A fisiologia da arte [*Die Physiologie der Kunst*] pode ser uma grande aliada para fazer triunfar os valores naturalistas. Podemos compreender assim as razões pelas quais Nietzsche retoma as temáticas do dionisíaco e da embriaguez em 1888.

Na embriaguez há um “aumento efetivo de força”, um “sentimento de plenitude”¹⁵. Ao investigar as causas fisiológicas da embriaguez, ele percebe que ela pode expressar dois modos radicalmente distintos: 1) um modo doentio, como tentativa de disfarçar e transfigurar seus estados doentios (a arte de Baudelaire e Wagner seriam exemplos marcantes; e 2) um modo sadio, da arte que expressa os instintos vitais, a vida que se extravasa em suas formas mais afirmativas, como vontade de domínio sobre seus múltiplos impulsos. Mas essa arte afirmativa estaria somente no passado, na França do gosto, de uma nobreza que teria se desvanecido no século da *décadence*, no século de Baudelaire.

Nos últimos meses de sua arte de viver filosófica Nietzsche ocupou-se mais com os aspectos doentios da embriaguez, sobretudo com o diagnóstico dos traços não naturais na moral e nos artistas modernos. Talvez ele tenha superestimado o perigo do

¹⁵ FP 1888, 17[9].

niilismo. Entretanto, ele abriu uma senda muito promissora para investigar o problema do valor a partir da fisiologia da arte, forçando a arte a abandonar sua autonomia, tão arduamente conquistada no movimento oitocentista da *l'art pour l'art*:

– A luta contra a finalidade é sempre luta contra a tendência *moralizante* na arte, contra a sua subordinação à moral. *L'art pour l'art* significa: “Ao Diabo com a moral!” [...] Já um psicólogo pergunta: o que faz toda arte? Não louva? Não glorifica? Não escolhe? Não enfatiza? Com tudo isso ela *fortalece* ou *enfraquece* determinadas valorações... [...] – A arte é o grande estimulante para a vida: como poderíamos entendê-la como sendo sem finalidade, sem objetivo, como *l'art pour l'art*? (CI, Incursões de um Extemporâneo, 24)¹⁶

A função da arte deveria ser afirmar a vida, e superar o *horror vacui* da existência humana, pois Nietzsche entende que o próprio mundo das forças, impulsos e vontades de poder seria um jogo artístico. Mesmo o que é feio e problemático na existência (isso Nietzsche expressa contra os pessimistas) seria transfigurado pela arte trágica:

A valentia e liberdade de sentimento ante um inimigo poderoso, ante uma sublime adversidade, ante um problema que suscita horror – é esse estado *vitioso* que o artista trágico escolhe, que ele glorifica. Diante da tragédia, o que há de guerreiro em nossa alma festeja suas saturnais; aquele que está habituado ao sofrimento, aquele que busca o sofrimento, o homem *heroico* exalta a sua existência com a tragédia – apenas a ele o artista trágico oferece o trago desta dulcíssima crueldade. (CI, Incursões de um Extemporâneo, 24.)

Se as religiões e as morais são sistemas de crueldade que diminuem o valor do homem no mundo, a arte trágica permitiria transfigurar artisticamente a crueldade. Mas o homem heroico e o artista trágico estão num passado remoto, e só poderiam ressuscitar com a “fantasmagoria” do eterno retorno do mesmo. Assim, Nietzsche e Baudelaire confluem na mesma luta contra o “estranho hóspede” niilista, ao valorizarem a arte como tentativa heroica de transfigurar a existência num mundo esvaziado de valores afirmativos. Walter Benjamin percebeu essa ligação heroica entre Nietzsche e Baudelaire:

A ideia do eterno retorno faz surgir da miséria do tempo, num passe de mágica, a ideia especulativa (ou a fantasmagoria) da felicidade. O heroísmo de Nietzsche é o contrário do heroísmo de Baudelaire, que faz surgir da miséria do filistério, num passe de mágica, a fantasmagoria da modernidade¹⁷.

¹⁶ A mesma formulação se encontra no FP 1887, 9[119], do ano anterior ao *Crepúsculo dos ídolos*.

¹⁷ “Die Idee der ewigen Wiederkunft zaubert aus der Misere der Zeit die spekulative Idee (oder die Phantasmagorie) des Glücks hervor. Nietzsches Heroismus ist ein Gegenstück zum Heroismus von

A novas análises da arte no Nietzsche tardio propõem a superação da miséria do tempo moderno, numa afirmação radiante do ser humano isolado que quer se fundir na totalidade do mundo dionisíaco, a retornar eternamente. Baudelaire, com seu espírito de análise e com suas transfigurações poéticas, nos mostra que o eterno (que habita a arte) se furta sempre mais à fragmentação dolorosa do moderno, mas é evocado paradoxalmente nas experiências da morte, da perda irreparável e das lembranças vivas dos sentimentos. Apesar das condições difíceis, o poeta das *Flores do mal* e o pensador do niilismo nos mostram caminhos possíveis para arrancar da arte valores que auxiliem a construir novos sentidos para a vida dos humanos que aspiram por novas transfigurações em um inquietante mundo de finitude.

Referências bibliográficas

- ANDLER, C. *Nietzsche, sa vie et sa pensée. La dernière philosophie de Nietzsche*. Paris: Gallimard, 1931
- BAUDELAIRE, C. *Les Fleurs du Mal*. Paris: Librio, 1994.
- BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. Tradução e organização de Julio Castañon Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BENJAMIN, W. *Zentralpark*, 35. *Gesammelte Schriften*, I-2. Frankfurt: Suhrkamp, 1991.
- BOURGET, P. *Essais de psychologie contemporaine. Étude littéraires*. Paris: Éditions Gallimard, 1993.
- BOURGET, P. *Ensaios de psicologia contemporânea. Baudelaire*. Apresentação e tradução de Isadora Petry. In *Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v. 7, n. 1, jan./jun. 2016, p.162-180.
- CAMPIONI, G. *Der französische Nietzsche*. Berlin: de Gruyter, 2009.
- MARTON, S. (ed. reponsável). *Dicionário Nietzsche*. Col. Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola, 466p., 2016.
- MÜLLER- LAUTER, W. *Decadência artística como decadência fisiológica*. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, vol. 6, 1999, p. 11-30.
- NIETZSCHE, F. W. *O nascimento da tragédia. Ou Os gregos e o pessimismo*. Tradução de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- NIETZSCHE, F. W. *Além do Bem e do Mal. Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. Tradução de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, F. W. *O caso Wagner*. Tradução de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NIETZSCHE, F. W. *Aurora*. Tradução de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. W. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, F. W. *Digital critical edition of the complete works and letters*, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York: de Gruyter 1967-, ed. por Paolo D'Iorio. Nietzsche Source: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>

Baudelaire, der aus der Misere des Philisteriums die Phantasmagorie der Moderne hervorzaubert". BENJAMIN, 1991, 35.

NIETZSCHE, BOURGET, BAUDELAIRE E OS RUMOS DO...

Clademir Luís Araldi

PIAZZESI, C. Nietzsche: Fisiologia dell'arte e *décadence*. Lecce: Conte Editore, 2003.